



Além da paixão pelo cinema, as atrizes Ludmila Dayer e Leandra Leal dividem a vontade de fazer filmes engajados, que ajudem na formação do ser humano, sem que para isso tenham que ser herméticos

Duas atrizes e um único sonho

Nos bastidores do Festival de Brasília, Leandra Leal e Ludmila Dayer conversam sobre suas carreiras e sobre o futuro do cinema nacional

Klecius Henrique
Da equipe do **Correio**

Os festivais de cinema são famosos pelos encontros que proporcionam entre os profissionais que, apesar de atuarem na mesma área e morarem na mesma cidade em muitos casos, nem sempre têm tempo de se encontrar para um bate-papo rápido. Entre os encontros do 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, um chamou atenção de quem passou pelo Hotel Nacional na manhã de ontem: o das atrizes Ludmila Dayer e Leandra Leal, que, numa conversa com o **Correio Braziliense** sobre suas carreiras, esbanjaram beleza e, sobretudo, inteligência, enquanto combinavam de assistir juntas a *Amor & Cia*, de Helvécio Rattton, que encerrou a mostra competitiva ontem.

Destaques dos filmes *O Viajante*, de Paulo Cezar Saraceni, e *Traição*,

no episódio dirigido por Cláudio Torres (*Diabólica*), Leandra Leal, 16 anos, e Ludmila Dayer, 15 anos, respectivamente, já se conheciam do Rio de Janeiro, onde moram, mas nunca haviam parado para conversar sobre os planos de uma carreira que acreditam ter tudo para ser promissora, se, segundo elas, for planejada. E, entre os planos, o cinema (brasileiro, claro) tem prioridade por ser uma "paixão."

"Vejo um filme todo dia e busco também filmes antigos. Fiquei muito emocionada quando vi Nelson Pereira dos Santos no Festival porque adorei dois clássicos dele: *Boca de Ouro* e *Memórias do Cárcere*", conta Leandra Leal, que ao ser dirigida por Walter Lima Jr. em *A Ostra e o Vento* teve o passaporte para *O Viajante*. Leandra gosta de todos os gêneros do cinema, mas seleciona o que vai ver, não dando chances a filmes de luta, como os do belga Jean-

Claude Van Damme. "Tenho uma seleção básica", garante.

Ludmila Dayer também tem a própria seleção, que exclui os filmes de violência gratuita. Para ela, que estreou no cinema interpretando Carlota Joaquina jovem no filme de Carla Camurati e é fã dos filmes dirigidos por Charles Chaplin e Mel Gibson (*Coração Valente* e *Um Homem Sem Face*), a chamada sétima arte tem que divertir e também contribuir para que as pessoas possam entrar no mundo da fantasia, um mundo que deve ajudar a derrubar as tensões e loucuras do cotidiano de todos, função que ela também acredita à televisão. "O cinema é mágico porque, além de poder divertir e relaxar, pode contribuir para a formação do ser humano", defende Ludmila.

É esse cinema engajado, que pode refletir sem ser hermético, que as meninas sonham em fazer. Leandra está planejando estudar cinema em Nova York em 1999. Ludmila quer

atuar mais um pouco para depois pensar em dirigir, depois também de um curso fora. "O que acontece atrás das câmeras é fascinante. Em *O Viajante*, fiz um estágio de câmera e bati até claquete. Quero um dia poder dirigir um filme no nível de *Ladrões de Bicicleta*", conta Leandra, que interpreta Clarelis na novela *Pecado Capital* e afirma não está preparada ainda para o teatro. "Respeito muito o teatro e só vou subir ao palco quando me sentir preparada e puder me dedicar só a ele", diz. Já Ludmila foi parar em *Carlota Joaquina — Princesa do Brasil* depois de ter atuado em *Amor Bruxo*, espetáculo em que dançava ritmos espanhóis.

Tanto Ludmila quanto Leandra abominam todo e qualquer preconceito em relação ao cinema nacional. "Quem pensa que o cinema brasileiro só tem pornochanchada e coisa ruim é a geração internet, que não expande seus horizontes", diz Leandra. "Nosso cinema evoluiu muito e tem feito muitos filmes bons. Uma

prova disso é que atores veteranos, que nunca fizeram filmes, estão trabalhando em cinema agora", complementa Ludmila.

A dupla atuou, apesar da pouca idade, em cenas bastante sensuais, mas não teve constrangimento algum. Motivo: deram as cartas do que fariam ou não nas filmagens. Ludmila convenceu Cláudio Torres de que não seria necessário beijar o ator Daniel Dantas em *Traição*. "Não ficaria verdadeiro. Eu só tinha 13 anos na época", lembra. Já Leandra exigiu os bambus que a deixaram na penumbra na cena de banho de *O Viajante*. "Quando a nudez é essencial, acho que não tem problema. O que não pode é ser gratuita. O banho de Sinhá ficou muito mais bonito da forma que foi filmado", avalia Leandra.

Apaixonadas pela sétima arte, as meninas afirmam que só têm uma coisa a lamentar: ainda não dá para sobreviver só de cinema no Brasil. É nele que elas garantem encontrar uma segunda família, onde todos almoçam e se divertem juntos nos sets. À televisão, mais fria e técnica, as meninas têm uma crítica comum, apesar de gostarem do meio: não explora o potencial social que tem.

